

## **Ficções rebeldes – trilhos, ilhas, agulhas**

*Edson Luiz André de Sousa*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Resumo**

Este texto parte da premissa de que toda ficção coloca em cena uma força de rebeldia, acionando desta forma novas imagens. O artigo parte de um poema de Rainer Maria Rilke, "A Pantera", o qual desdobra um pensamento sobre circularidade, acionando instâncias de repetição. Quando nosso girar em círculo não sai do lugar, os automatismos de repetição nos levam para tão perto deste ponto de giro que corremos o risco de naufragar na própria ruína em torno da qual circulamos. Assim, giramos em torno da ruína, a ruína como objeto. O texto segue a pista de Gérard Wajcman, em seu livro *O Objeto do século*, em que propõe pensar a ruína como objeto. Contudo, o trágico em cena é quando a ruína adentra cenários de esquecimento, lógicas de forclusão, em um tempo que pretendeu inventar destruições sem ruínas. Como lembrar aquilo que é sem resto? Aqui encontramos a potência política mais radical da psicanálise e da invenção freudiana, que entra em cena para recolher, escutar, dar outras formas a estes restos. Portanto, este artigo faz dialogar o campo da psicanálise e dos estudos utópicos.

### **Palavras-chave**

Utopia, Psicanálise, Rainer Maria Rilke, Circare.

*Edson Luiz André de Sousa* é professor titular do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e professor do PPG de Psicanálise – Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da UFRGS. É pesquisador do CNPQ e coordenador do LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política. Pós-doutorado e Doutorado pela Université de Paris VII.

## **Rebel Fictions - Rails, Islands, Needles**

*Edson Luiz André de Sousa*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **Abstract**

This text starts from the premise that all fiction brings to the scene a force of rebellion, which triggers new images. The article starts with a poem by Rainer Maria Rilke, "The Panther", which unfolds a reflection on circularity, by triggering instances of repetition. When our spinning circle does not move, repetition automatism takes us so close to this spinning point, so that we run the risk of sinking into the very ruin around which we circulate. Thus, we revolve around ruin; ruin being considered an object. The text follows the idea of Gerard Wajcman, in his book *The Object of the Century*, in which he proposes to think of ruin as an object. However, the tragedy on the scene is when ruin enters sceneries of oblivion, logics of foreclosure, at a time that intended to invent destructions without ruins. How to remember what is devoid of remains? Here we find the most radical political power of psychoanalysis and Freudian invention, which enters the scene to gather, listen, give other forms to these remains. Therefore, this article proposes a dialogue between the fields of psychoanalysis and utopian studies.

### **Keywords**

Utopia, Psychoanalysis, Rainer Maria Rilke, Circare

*Edson Luiz André de Sousa* is a full professor of the Department of Psychoanalysis and Psychopathology and professor of the PPG of Psychoanalysis - Clinic and Culture of the Institute of Psychology of UFRGS. He is a researcher at CNPQ and coordinator of LAPPAP - Research Laboratory in Psychoanalysis, Art and Politics. Post-doctorate and Doctorate from the Université de Paris VII.

“A ilha é como uma pequena estrela que o espaço esqueceu”  
*Rainer Maria Rilke*

“A arte coloca a vida em desordem. Os poetas da humanidade restabelecem o caos continuamente”.  
*Karl Kraus*

Toda ficção traz o gérmen de uma rebeldia. Não existe rebeldia sem ficção. Esta palavra tem muitas derivações semânticas. Vem do latim *Re bellis, Re bellare, Re (contra) Bellar* (guerrear) , guerrear contra, desobedecer. No francês do século XVI, rebelar podia ser usado como girar, desviar (rebelar o rosto para outro lado). Movimento, portanto, de resistência, de desvio. O verbo latim *volvere* está na origem de rebeldia e só posteriormente foi adquirindo um sentido mais próximo à política. *Re volvere. re volução*. Derivações semânticas como curva, entorno, volta, revolta são da mesma família. Este pequeno percurso etimológico já nos anuncia a potência política do termo ficção quando este abre espaço para a rebelião. Em tempos nos quais vemos surgir assustadoramente no Brasil discursos contra mostras de arte, lembrando as cruzadas contra a arte dita degenerada, precisamos lembrar da indissociabilidade entre ficção e rebeldia. Contra estes discursos fascistas, que querem impor um único modo de ver o mundo, nada como produzir ainda mais arte.

Vamos encontrar o termo ficção logo na abertura dos *Escritos* de Jacques Lacan, com o clássico texto sobre “A Carta Roubada”, onde veremos enlaçada a relação entre verdade e ficção. Neste texto, Lacan nos apresenta um sujeito virado ao avesso pela ventania do significante. A verdade ali em questão é a ordem simbólica, constituinte do sujeito. É esta verdade, escreve Lacan, que possibilita a própria existência da ficção (LACAN, 1998, p. 14). Em outro momento, no “Seminário sobre as Relações de Objeto”, vai ser mais categórico ao dizer que “a verdade tem a estrutura da ficção” (LACAN, 1956/1957, p. 134). Abalo sísmico da psicanálise na pretensão daqueles que querem encontrar algum ponto fixo que nos oriente em relação à verdade. Aqui, a verdade, surge como ex-cêntrica, como fora do lugar e se há uma “*fixão*” em cena é a do real, ou seja, do impossível que *fixa* o sujeito na linguagem. Lacan, em sua gangorra poética, joga com esta imagem de ficção e fixão no “Aturdido”, conferência que realiza pelo quinquagésimo aniversário do hospital Henri-Rousselle, em 1972. *Etourdi*, em francês, significa distraído, que age sem refletir, o que vive no mundo da lua. O distraído que nos salva, pois, como lembra

Leminski, distraídos venceremos. *Tour* (volta), *tourner* (dar voltas), dar voltas em torno do *dire*, do dizer e do dito... Convido vocês a uma volta dentro da jaula de uma pantera conduzidos pela mão de Rainer Maria Rilke, o poeta triste, taciturno, que inspira Freud a escrever “A transitoriedade”. “The Panther” (“A Pantera”) é um poema de Rilke. A pantera que gira, movimento inquieto circular, repetitivo, desesperado, contido. O que nos indica o movimento circular da pantera? A história deste poema é curiosa. Rilke era secretário do escultor Auguste Rodin em Paris, e fora instigado por este a fazer uma visita ao Jardin des Plantes, e só retornar de lá com um poema escrito. Rilke sai com seu pequeno caderno de notas e diante da jaula da pantera escreve um dos seus mais belos poemas “sob encomenda”:

De tanto olhar as grades seu olhar  
esmoreceu e nada mais aferra.  
Como se houvesse só grades na terra:  
grades, apenas grades para olhar.

A onda andante e flexível do seu vulto  
em círculos concêntricos decresce,  
dança de força em torno a um ponto oculto  
no qual um grande impulso se arrefece.

De vez em quando o fecho da pupila  
se abre em silêncio. Uma imagem, então,  
na tensa paz dos músculos se instila  
para morrer no coração.

Tradução de Augusto de Campos (RILKE, 2007, p. 57)

Deixemos em suspenso nossa pantera em sua jaula e daqui a pouco retornaremos a ela.

Escrever é também girar. Mas girar em torno do quê? Escrevemos para **fixar**, **ficcionalizar** o nome que se apaga, adentrar minimamente nossos insertões, para poder ver mais de perto a ferida, este íntimo expropriado por uma lógica de funcionamento das máquinas de

poder, as quais tentam silenciar nossa inquietude com o espectro de pensamentos *prêt-à-porter*, nos dando a ilusão que estamos tomando posição. Mas basta um pouco de distância deste motor ruidoso, que nos faz girar em círculos, para perceber que, por vezes, estes lugares que ocupamos estão esvaziados de sujeitos. Um lugar de sujeito, sabemos, só surge como efeito de um ato. É este que coloca em cena a radicalidade do discurso analítico que, como Freud indicou, abre espaço para que possamos saber um pouco mais sobre os avessos que nos constituem. Precisamos nos aproximar destes avessos como o faz a artista Rachel Whitehead indicando o oco que recobrimos com imagens. Por esta razão, ocupar minimamente uma posição de autoria no pensamento, implica necessariamente recusar o consumo de pensamentos de prateleira. Aqui nos aproximamos da radicalidade da experiência psicanalítica, que tenta fazer furo nestes espaços totalitários de discurso, abrindo para o sujeito a chance de uma narrativa por vir, de um mundo por vir, como enuncia Eduardo Viveiros de Castro. Não há esperança possível se não desligarmos a máquina de tortura de Kafka descrita em seu texto *Colônia Penal*, cujo funcionamento ruidoso, impede que se escute qualquer palavra. Mas como desligar a máquina? Como desmontar a máquina? Como explodir a máquina? Como olhar para o interior da máquina para entender minimamente seu funcionamento? Gaston Bachelard, sobre este ponto, nos dá uma pista em seu ensaio “A terra e os devaneios do repouso”.

A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se deve ver, formam-se estranhos devaneios tensos, devaneios que formam um vinco entre as sobranceiras. Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas sim de uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora. É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro (BACHELARD, 2003, p. 8).

Curiosidade agressiva!!! É aqui que o ato analítico entra em cena no espírito da curiosidade infantil e, diria mais, uma curiosidade que só se sustenta com uma coragem diante do risco de adentrar territórios desconhecidos. Aqui vislumbramos uma ética possível do “Wo Es War , Soll ich Werden” freudiano, que eu traduziria por “Não renunciaremos a salvar o navio na tempestade, só porque não saberíamos impedir o vento de soprar” (MORUS, 2000, p. 57). Esta é uma bela proposição do clássico texto de Tomas Morus, *Utopia*, publicado em 1516, portanto há 500 anos. Trata-se de uma ética do desejo!

A utopia como todos sabem é uma ilha de papel, uma ilha de discurso, uma ficção

rebelde que convoca o desejo a ocupar posição abrindo espaço para imaginar outros mundos possíveis, outras formas de viver, portanto tem a função crítica de desmontar as lógicas de vida que se instauram nos sujeitos como universais e naturais. Como lembra Ernst Bloch, em seu *Princípio Esperança*, a utopia quer enxergar bem longe, mas apenas para atravessar a obscuridade mais próxima que acabou de ser vivida (BLOCH, 2005 p. 23). Neste sentido, ela é uma convocação para um agir no aqui e agora. Não há violência mais cruel do que o anestesiamiento de nossa capacidade de sonhar, de imaginar, de desejar. Neste ponto Emil Cioran tem toda a razão ao lembrar que “Só agimos sob a fascinação do impossível: isto significa que uma sociedade incapaz de gerar uma utopia e de consagrar-se a ela está ameaçada de esclerose e de ruína” (CIORAN, 1994, p. 101).

Quando nosso girar em círculo não sai do lugar, os automatismos de repetição nos levam para tão perto deste ponto de giro que corremos o risco de naufragar na própria ruína em torno da qual circulamos. Assim, giramos em torno da ruína, a ruína como objeto. Sigo aqui a pista de Gérard Wajcman, no seu livro *O Objeto do século*, onde propõe pensar a ruína como objeto que se faz de restos de um objeto. Contudo, o trágico em cena é quando a ruína adentra cenários de esquecimento, lógicas de forclusão, em um tempo que pretendeu inventar destruições sem ruínas. Como lembrar aquilo que é sem resto? Aqui encontramos a potência política mais radical da psicanálise e da invenção freudiana que entra em cena para recolher, escutar, dar outras formas a estes restos. A experiência psicanalítica como literatura, *litter*, lixo, lixeratura, já que como evoca com toda razão Jacques Lacan, a literatura é uma acomodação de restos.

Giramos em círculos, diante destas ruínas que se acumulam, como na imagem proposta por Walter Benjamin a partir da pintura de Paul Klee, “Angelus Novus”, na tentativa de escutar o que nos dizem. Sem esta escuta não sairemos do movimento de repetição paralisante e mortífero. Este é o anjo da história que, segundo Benjamin

vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acomodar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1985, p. 226).

Voltemos a nossa pantera/rodin, rodeando em torno a um ponto oculto, músculos

gradeados por rimas, imãs que acionam um magnetismo da origem que buscamos desvendar como um plano de vôo possível para o que está por vir, origem como horizonte, *ursprung*, origem como salto, buscar o centro se distanciando dele, tentando abrir espaços de palavra e imagem em seu movimento circular nas bordas do discurso. O que está em jogo nesta cena em que o vulto pulsional em sua onda andante e flexível gira incessantemente em círculos concêntricos?

Proponho pensar este giro como da ordem do circuito pulsional. Meu ponto de partida é a proposição que Lacan vai fazer na aula de 26 de março de 1969, no Seminário de “Um Outro a outro”, trazendo para discussão a noção de *circare*. Ele define este termo da seguinte forma: “girar em círculos em torno a um ponto central, enquanto alguma coisa não é resolvida” (LACAN, 1968). Mas o que significa resolver? Não seria se aproximar tanto quanto possível deste objeto causa na medida em que buscamos justamente as bordas do circuito em torno do qual nos movemos? Tensionar as bordas, correr o risco de buscar este lugar fora e assim tensionar o furo que nos constitui. Nos aproximamos deste furo na linguagem por aquilo que faz borda. Buscar este centro no ex-cêntrico e romper a lógica circular, pois mesmo que Copérnico tenha avançado um pouco, trocando o objeto em torno do qual giramos, nada mais foi que um reformista pois, lembra Severo Sarduy, no seu texto sobre o Barroco, a verdadeira revolução foi a Kleperiana, que mostrou que nosso giro em torno do sol é elíptico. A elipse como perturbação do círculo, da cosmologia da esfera, a condição ex-cêntrica da elipse. A pulverização do centro instituindo outra relação com o mundo, que eu nomearia como *Keplerização* da vida. Não é aqui que podemos chegar mais perto do que podemos nomear como subversão da psicanálise? A hipótese que nos parece evidente é que os sujeitos podem se situar de forma mais substancial no furo em torno do qual giram, se conseguem tocar minimamente as bordas do discurso deste fora que os constitui. Não é este o fundamento do trabalho analítico, abrir espaço para um êxtimo que conjuga o íntimo radical e a exterioridade? Mesmo que este furo continue inacessível há efetivamente ganho de posição se podemos tensionar as bordas que desenhamos em seu entorno. Quando o espaço de ficção engasga, não paramos de girar em torno de um eixo como as ovelhas de Francis Alys<sup>1</sup> na performance que fez na Cidade do México, intitulada “Contos Patrióticos”. Como sabemos, as lógicas perversas do poder que se consagram a tapar o buraco no Outro, nos abrem muitos desertos que, com suas proposições totalitárias de discurso, com suas certezas, com seus trilhos, lançam os sujeitos dentro de suas pequenas jaulas, suas opacidades subjetivas.

---

<sup>1</sup> Cf. performance disponibilizada vídeo em no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=XjJYeCYO-hA&feature=youtu.be>

Rilke desmonta a jaula da pantera, abre um furo por entre as grades injetando novas imagens. *Circare* vem do francês antigo *cerchier*, *chercher*, ou seja, procurar. Lacan vai desenvolver amplamente este tema no seminário RSI de 197 - 1975. Dali também deriva círculo, *circus*, do grego *kirkus* (círculo, ringue). A palavra cárcere surge também desta mesma raiz.

Como desmontar a máquina para que possamos nos situar um pouco mais em relação ao ponto cego em torno do qual giramos? Como primeiro esboço de resposta podemos dizer o seguinte: buscando o que faz furo no discurso, acionando seus limites, suas fronteiras, desvelando sua pretensão totalitária. Não é este o grande legado de Freud com a invenção da psicanálise ao colocar uma agulha nos trilhos, exatamente como faz o artista Marcos Martins no seu trabalho intitulado “Floresta”?

Na pantera de Rilke, a imagem se instila (instilar é verter gota a gota) para morrer no coração. Mas Rilke reage ao escrever um poema, acompanha a agonia da pantera, tenta apreender este girar em círculos para nos acordar, (*cordi*) (coração), e nos indicar que para pular para fora da jaula é preciso coragem (*cordi*), coragem de se aproximar deste ponto cego em torno do qual giramos incessantemente. Para isto, preciso imaginar um fora da jaula, atravessar as grades. Coragem de produzir atos que acionem outras posições possíveis no mundo, utopias, infinitivos de imagens por vir, imagens que recuperem a potência de colocar uma agulha no trilho ou uma música no coração, como nesta outra pantera, Thelonius Monk, que gira como um pião que voa.

## Referências

- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso – ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. “La Relation d’objet et les structures freudiennes, séminaire, 1956-1957”, Document interne à l’Association Freudienne, Paris.
- LACAN, J. “D’un Autre à l’autre, 1968-1969”, Document interne à l’Association Freudienne, Paris.
- MORUS, T. *A utopia*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- RILKE, R. M. *Coisas e Anjos de Rilke*. Trad. Augusto de Campos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.